

VIVÊNCIA DE VALORES NA ADOLESCÊNCIA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES ACERCA DO SENTIDO DA VIDA

EXPERIENCE VALUES IN ADOLESCENCE: PERCEPTIONS OF STUDENTS ABOUT THE MEANING OF LIFE

Lívia Lira Guerra

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Lívio Oliveira Lima

Universidade Federal da Paraíba

Resumo. O presente artigo tem o objetivo de analisar a percepção de adolescentes acerca do sentido da vida, por meio da vivência de valores. O estudo foi do tipo descritivo, de corte transversal e abordagem quanti-qualitativa. Participaram da pesquisa dez estudantes de ambos os sexos, na faixa etária de 14 a 17 anos. Utilizou-se um questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo, emergindo oito categorias. Duas categorias, valores vivenciais e propósito da vida humana, apresentaram frequência máxima de presença no relato dos participantes, corroborando com a literatura da área. Os resultados podem embasar programas de intervenção específicos para esta faixa etária.

Palavras-chave: logoterapia; valores; adolescência.

Abstract. This article aims to analyze the perception of adolescents about the meaning of life by living values. The study was descriptive, cross-sectional and quantitative and qualitative approach. The participants were ten students of both sexes, aged 14-17 years. We used a sociodemographic questionnaire and semi-structured interview. Data were analyzed using content analysis technique, emerging eight categories. Two categories, experiential values and purpose of human life, had maximum frequency of presence in the account of the participants, supporting the literature. Results can to base specific intervention programs for this age group.

Keywords: logotherapy; values; adolescence.

INTRODUÇÃO

A Logoterapia, um sistema teórico e prático da psicologia, tem como base a busca pelo sentido da vida como principal força motivadora do ser humano. O fato de problematizar a própria existência e perguntar pelo seu sentido é uma característica específica do ser humano, que se inicia geralmente com o processo de maturação, na adolescência, numa frequência maior que em pessoas de mais idade. (Frankl, 1978; 1989; 2008; 1992a).

A vivência dos valores, também é uma característica fundamentalmente presente na condição humana. Eles podem ser criadores (aquilo que se faz no mundo), vivenciais (experiências com a natureza, a beleza, o amor) ou de atitudes (perante um destino imutável) e carregam a “missão” de colaborar com o homem na tarefa de perceber significado em cada situação e atribuir sentido à existência. Assim, o homem se vê sempre orientado para o sentido (Frankl, 1989).

Algumas características definem os valores: não são extintos pela temporalidade, têm existência no mundo físico, e são classificados como objetos ideais ou não sensíveis, mas possuem objetividade. (Frankl, 2000). O ser humano ainda conta com mais um auxílio nessa busca pelo sentido, a sua consciência. A formação da consciência assume o posto central porque uma consciência amadurecida e refinada consegue intuir os significados de cada situação (Fizzotti, 1996).

O JOVEM EM BUSCA DE SENTIDO

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) define a adolescência

como o período que vai dos doze aos dezoito anos de idade. Para Hall (1903), considerado o pai dos estudos sobre adolescência, este é um estágio do desenvolvimento humano, não apenas uma fase entre a infância e a idade adulta. São transformações rápidas e caóticas, de caráter psicológico e fisiológico, que alteram os processos cognitivos e emocionais.

Os adolescentes vivenciam processos de distanciamento dos comportamentos típicos das crianças à medida que se inserem em novas atividades e adquirem responsabilidades próprias da vida de um adulto. Nesse contexto, os jovens veem-se confusos, sem modelos que o direcionem na construção de uma identidade própria, o que facilita e estimula o envolvimento em grupos. Os jovens, portanto, costumam apresentar mais frustração existencial que os idosos, pois nos primeiros ocorre sempre um declínio das tradições. De acordo com Xausa (1986) a Logoterapia foi um feliz caminho que se abriu para sanar as angústias causadas pelo vazio existencial.

A carência de sentido pleno nessa faixa etária da adolescência é um estágio passageiro normal, mas que pode se tornar uma armadilha para uma vida esperançosa que não soube se desenvolver (Lukas, 1992). Como então analisar esta etapa da vida, suas buscas e vivências? Como entender a percepção desta mesma vida a partir da visão dos próprios adolescentes? Qual a percepção dos adolescentes acerca do sentido da vida? Quais valores os adolescentes vivenciam? No presente estudo, buscou-se analisar a percepção dos adolescentes acerca do sentido da vida, bem como a vivência de valores criativos, vivenciais ou atitudinais.

MÉTODO

O estudo foi do tipo descritivo, analítico, de corte transversal e abordagem quanti-qualitativa, que permite analisar ao mesmo tempo os dados numéricos, mais especificamente as frequências, e os dados subjetivos, advindos da interpretação dos dados, em prol dos resultados obtidos. (Codato & Nakama, 2006).

Participaram da pesquisa, 5 (cinco) estudantes do sexo feminino e 5 (cinco) do sexo masculino, provenientes das três séries do ensino médio, na faixa etária de 14 a 17 anos. Os dados foram coletados em uma escola de Ensino Fundamental e Médio de uma cidade de médio porte do estado da Paraíba. O critério de inclusão foi o limite estabelecido pela faixa etária, e o de exclusão foi ter alguma deficiência intelectual. Utilizou-se um questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada, que foi gravada com o consentimento dos participantes e posteriormente transcrita.

Para garantir um caráter de representatividade da população à amostra, foi utilizada a amostragem proporcional estratificada, necessária quando existem subpopulações, ou estratos. Nesta Pesquisa, dois estratos foram identificados (sexo masculino e sexo feminino) e utilizou-se uma amostra de 10% da população, um recorte priorizando maior qualidade nos dados levantados (Levin, 1978). Os alunos foram enumerados de 1 a n e escolhidos através de uma tabela de números aleatórios, respeitando a proporção dos estratos.

Os dados foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo, que compreende um conjunto de técnicas que viabilizam a análise das comunicações dos sujeitos pesquisados. (Bardin, 1977). O estudo observou todas as normas éticas no que se refere

às pesquisas com seres humanos, conforme preconizado na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados provenientes da entrevista semiestruturada foram analisados, destacando-se 8 (oito) unidades de análise, ou categorias: valores criativos, valores vivenciais, valores de atitude, propósito da vida humana, percepção do sentido da vida, carência de sentido, percepção da vivência de valores e envolvimento social.

Após a identificação das unidades de análise (categorização), bem como das unidades de contexto e de registro, utilizou-se duas regras de enumeração: a primeira é a da presença e/ou ausência da categoria na resposta do participante. A segunda regra de enumeração é a frequencial. Neste caso, contou-se a frequência total de aparição da categoria na fala dos participantes. (Bardin, 1977). As três primeiras categorias referem-se a percepção dos adolescentes sobre a vivência pessoal dos respectivos valores.

CATEGORIA 1 - VALORES VIVENCIAIS

São aqueles que se realizam na experiência vital, como por exemplo, ao acolher o mundo, na entrega ao amor à família e à pátria, como também à beleza da natureza ou da arte. Um simples momento pode dar sentido à vida inteira. A vivência dos valores experienciais foi constatada em todos os sujeitos, ou seja, alcançou uma frequência máxima de dez (10) registros. Nessa perspectiva, observa-se comparativamente que os valores emergidos nos momentos vivenciais, ou seja, nos

relacionamentos e nas experiências, são mais frequentes nos adolescentes, em detrimento dos demais valores, criativos e atitudinais. Desse modo, sugere-se que na fase da adolescência o ser se realiza e se preocupa mais com os relacionamentos experienciais e vivências momentâneas.

CATEGORIA 2 - VALORES CRIATIVOS

A categoria vivência dos valores criativos atingiu uma frequência de sete registros, e refere-se à capacidade que o homem possui de trabalhar, ou sua disposição para a ação e realização de atos criativos. No contexto, os sujeitos pesquisados são adolescentes do Ensino Médio, sem nenhuma experiência de trabalho formal, contudo demonstraram profundo interesse na futura realização profissional e inserção no mundo do trabalho. Entrar para uma faculdade, ter um bom emprego, buscar uma vida melhor, ter um futuro melhor são citados pelos sujeitos. Para a sociedade moderna é quase impossível falar de valores criativos sem falar de trabalho e estudo como formas de efetivação desses valores, apesar destes não se limitarem a esta perspectiva. Para Frankl (2008) o estudo coincide com o trabalho profissional. O sujeito n^o 03 confirma: “[...] eu acho que meu propósito atualmente é primeiramente entrar numa universidade, é me formar, ter o meu emprego, ter independência, ter minha família e... só.”.

Lukas (1992) afirma que o trabalho é a melhor prevenção para as crises e um excelente recurso terapêutico. A mesma autora pondera afirmando que o trabalho não deve ser tudo na vida de uma pessoa, se para alguém ele for tudo, este está arriscando mais que o trabalho, está arriscando a saúde e a vida. O sujeito n^o 4 ilustra

a afirmação anterior: “[...] quando eu parei de estudar, aí ficou sem sentido, fiquei mal no colégio, na família, nos meus relacionamentos, tudo, aí ficou bem horrível.”

CATEGORIA 3 - VALORES ATITUDINAIS

Os valores atitudinais aparecem no discurso de apenas dois sujeitos. Estes valores se expressam quando da presença de um destino perante o qual não se pode mudar, restando-lhe apenas a opção de aceitá-lo e suportá-lo (Frankl, 2008), não sendo registradas experiências tais na fala da maioria dos entrevistados.

Frankl (2008) lembra-nos ainda que não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido quando confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. O que importa nessas situações é dar o testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana.

Quando já não podemos mudar nossa situação ainda podemos mudar a nós mesmos, confirmado na fala do sujeito n^o 7 “[...] Acho que os de superação, eu acho que esse sofrimento acrescenta na nossa vida.”. E também no sujeito n^o 03 “[...] apesar de ter acontecido alguma coisa ruim, mas você pelo menos tá aqui, pode passar por cima, ou fazer coisas pra isso não mais acontecer. Acho que o valor da vida mesmo, apesar de tudo”.

CATEGORIA 4 - PROPÓSITO DA VIDA HUMANA

A categoria propósito da vida humana

aparece no discurso de todos os sujeitos e obtém frequência máxima. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida. Cada um precisa executar uma tarefa concreta que está a exigir realização. Nisso a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, sua tarefa é tão singular quanto sua oportunidade de realizá-la. (Frankl, 2008)

Corroborando com o autor, o sujeito n^a 04 afirma que: “[...] Assim, eu acho que cada pessoa tem um dever a cumprir na vida, já vem pra fazer isso, isso e isso na vida.”. Já o sujeito n^a 02 parece conhecer a teoria Frankliana quando afirma: “[...] Acho que sim, acho que tem. Acho que todas as ações que a gente faz aqui tem um propósito. Acho que ninguém faz nada que seja em vão. Pode ser um propósito que tenha uma finalidade negativa ou positiva. Além de um propósito geral pra cada pessoa no decorrer da vida, assim... acho que nas pequenas fases da vida tem outros propósitos.”.

O sujeito n^a 09 afirma que: “[...] cada um veio à Terra pra cumprir uma missão, mas acho que você não vem ao mundo por acaso, se você vem é pra fazer tal coisa, em tal lugar, em tal família, em tal tempo, em tal hora, eu acredito nisso.” Diante do exposto, percebe-se que a pessoa humana se depara com situações que lhe permitem ir ao encontro do sentido da vida, através da ação, ou seja, da exigência do dia, orientado pela sua consciência.

CATEGORIA 5 - PERCEPÇÃO DO SENTIDO DA VIDA

A categoria percepção do sentido da vida aparece no discurso de nove sujeitos. O homem vive buscando o sentido da vida, ele é um ser que busca sentido através da realização de valores. Como afirma o sujeito n^a 02: “[...] sim com

certeza, mas eu ainda tô tentando descobrir.”. Essa busca pelo sentido é uma motivação primária do ser humano. O homem não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes reconhecer que é ele quem está sendo indagado. Cada pessoa é questionada pela vida, e ela só pode responder à vida respondendo por sua própria vida, ou seja, sendo responsável (Frankl, 2008).

Através da voz da consciência as pessoas têm condições de perceber os significados que se ocultam numa determinada situação, afirma Fizzotti (1996). E confirma-se nas falas dos sujeitos n^a 08: “[...] a minha vida tem sentido porque eu já fiz muita gente feliz..” e n^a 09: “Sim, e não só agora, mas em todo momento. A minha família, meus amigos, aqueles que me amam, tanto eu sou importante pra eles quanto eles são importantes para mim, isso me dá sentido pra viver.”. Deste modo, percebe-se que a clareza sobre o sentido da vida, presente na fala dos sujeitos, emerge e está intimamente atrelada à realização dos valores vivenciais. A experiência dos valores unida à consciência, o órgão de sentido por excelência, faz a pessoa direcionar-se ao sentido da vida.

CATEGORIA 6 - CARÊNCIA DE SENTIDO

A categoria carência de sentido aparece no discurso de seis sujeitos. No contexto, essa categoria surge na fala dos entrevistados como períodos onde a pergunta sobre o sentido da vida se fez mais presente, e a resposta, momentânea, foi a inexistência de significado, como relata o sujeito n^a 10: “[...] teve um momento da minha vida que eu senti isso, até pensei em me matar [...]”. O sujeito n^a 07 afirma: “[...] Sim, porque isso é muito da vida humana, de duvidar das coisas [...]”.

Frankl (2008) assegura que nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós. Lukas (1989) pergunta o que podemos esperar da vida, a resposta é o silêncio; e o que a vida espera de nós? A resposta está em nossos lábios e em nossas mãos.

Os entrevistados complementam respectivamente: “[...] mas hoje não penso assim.” Também: “[...] mas com o tempo, com as experiências que eu tive da fé, eu pude ver que era isso pra minha vida, era isso que me fazia ter essência, e é isso que eu acredito.”. A fala do sujeito nº 02, vem complementar: “[...] já senti. Foram poucas vezes, mas já senti sim. Quando eu pensava que minha vida não tinha mais sentido, não foi eu mesmo quem mudei esses pensamentos, foi com a ajuda da minha família, que me ajudou e tava comigo pra me incentivar nesse período.”. Podemos observar que o sentido está sempre presente, mesmo que latente, ele está sempre acessível, como diz o sujeito nº 02: “A gente pode encontrar um sentido basta querer, basta ter vontade.”

CATEGORIA 7 - PERCEPÇÃO DA VIVÊNCIA DE VALORES

A categoria percepção da vivência de valores aparece no discurso de nove sujeitos. Os entrevistados se remetem às três categorias de valores, citadas anteriormente. A predominância, porém, é sobre os valores vivenciais, das experiências momentâneas; seguidos dos valores criativos e atitudinais, este último com frequência reduzida de respostas, conforme já quantificadas tais incidências.

Os valores vivenciais estão representados pela fala do sujeito nº08: “[...] Acho, que negócio de amor que eu já senti também, que é um valor

que eu acho que é muito importante, principalmente com a família e tal.”. Com o discurso do sujeito nº 03 representa-se os valores criativos: “[...] primeiramente entrar numa universidade, me formar, ter o meu emprego, ter independência.” E na fala do sujeito nº 07, os valores atitudinais são referidos: “[...] Acho que os de superação, eu acho que esse sofrimento acrescenta na nossa vida.”. Portanto, os entrevistados demonstraram um profundo reconhecimento pelos valores, bem como sua vivência ou cotidiana tentativa em vivenciar.

São nesses pilares valorativos que o ser humano esquece de si mesmo e é capaz de pensar e agir pelo outro, bem como tornar-se um ser humano melhor, porque ele consegue alcançar o mais alto grau de desenvolvimento da existência humana: a capacidade de auto-transcender. (Lukas, 1989).

CATEGORIA 8 - ENVOLVIMENTO SOCIAL

A categoria envolvimento social aparece no discurso de oito sujeitos. A base dos valores sociais, que propiciam o envolvimento social, consiste em categorias que indiquem a autotranscendência, como a ajuda ao próximo e o companheirismo.

A fala dos sujeitos está permeada por estes valores, como por exemplo, no discurso do sujeito nº 10: “[...] Lá na Igreja tem projetos que ajudam crianças órfãs, tem também projetos de distribuir lençóis no tempo de frio. Ajudar o próximo eu gosto.”. Frankl (2008) afirma que o indivíduo é um ser incrustado na estrutura social, porém, as leis sociológicas nunca determinam totalmente o sujeito, de modo que se faz presente o seu livre-arbítrio. É como se, antes que a sociedade influencie o

comportamento do sujeito, a norma passasse por uma zona de liberdade individual. Dessa maneira, a comunidade preserva a dignidade do homem.

No contexto, a fala dos entrevistados esteve intimamente relacionada com a religião, ou seja, o envolvimento social de boa parte dos sujeitos se dá através da vivência religiosa. Ratifica tal afirmação a fala do sujeito nº 04: “[...] Eu participo muito de grupo de jovens, sempre que tem eu vou, mas não sou aquela que deixa de tá num canto pra ir. Eu acho que tem que procurar DEUS em qualquer lugar, não precisa tá na Igreja.”. Contudo percebem-se algumas características do envolvimento com a comunidade, no conceito frankliano, como a preservação da dignidade e unicidade do ser, e responsabilidade e diferenciação dos indivíduos. Nesse aspecto, a comunidade se utiliza do homem e por ele é utilizada.

A ajuda ao outro e o companheirismo são complementares, pois no instante em que se pensa no outro, transcende-se e, também se está ajudando a si mesmo, cada um torna-se um ser humano valorado (Fabry, 1990).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os adolescentes vivenciam, simultaneamente, processos de distanciamento dos comportamentos típicos das crianças, e adquirem novas responsabilidades próprias da vida de um adulto. Eles questionam e questionam-se a respeito de vários assuntos,

inclusive sobre o sentido da vida. O presente estudo possibilitou conhecer e analisar a vivência de valores por parte dos adolescentes, assim como sua percepção acerca do sentido da vida. Tal conhecimento pode contribuir para a ampliação das formulações teóricas acerca dessa fase e, especificamente, sobre o exercício de valores.

Grande parte dos participantes mostrou segurança frente aos questionamentos que lhe eram feitos, afirmando e confirmando suas opiniões, até mesmo sobre os momentos mais críticos, como a carência de sentido em algum momento. Os adolescentes, com toda clareza, atribuíram um sentido à vida, por meio dos relacionamentos experienciais e vivências momentâneas, mesmo que em detrimento a realizações criadoras, por estar ainda num futuro um pouco distante. No entanto, a vivência dos valores criativos também esteve muito presente na fala dos participantes. A valorização do estudo foi tida como passo inicial para a aquisição de um trabalho, e consequente vivência do valor criativo.

Os resultados do estudo podem contribuir para programas de prevenção do suicídio na adolescência, considerada a vulnerabilidade desta população. Sugere-se que novas pesquisas possam ser realizadas, ampliando o número de participantes, o que possibilitaria análises comparativas em relação ao gênero e verificação de diferenças na vivência de valores.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

- Codato, L. A. B.; Nakama, L. (2006). *Pesquisa em Saúde: Metodologia Quantitativa ou Qualitativa*. Disponível em: http://www.ccs.uel.br/espacoparasaude/v8n1/v8n1_artigo_6_nota.pdf. Acesso em 06.09.2011.
- Fabry, J. B. (1990). *Aplicações Práticas da Logoterapia*. Tradução Equipe da ECE. São Paulo: ECE.
- Fizzotti, E. (1996). *Conquista da liberdade: proposta da Logoterapia de Viktor Frankl*. Tradução de Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Paulinas.
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos Antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Frankl, V. E. (1989). *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. Tradução de Alípio Maia de Castro. 3 ed. – São Paulo, Quadrante.
- Frankl, V. E. (2000). *Fundamentos y aplicaciones de la Logoterapia*. Tradução de C. García Pintos. Buenos Aires: San Pablo.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Traduzido por Walter O. Shlupp e Carlos C. Aveline. 25 ed. – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Levin, J. (1978). *Estatística Aplicada a Ciências Humanas*. São Paulo: Ed. Harbra.
- Lima, L. O. A. (2003). *Redes organizacionais: o caso da Agência Municipal de Desenvolvimento de Campina Grande - AMDE* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Lukas, E. (1989/1986). *Logoterapia: a força desafiadora do espírito*. Tradução de J de Sá Porto. São Paulo: Edições Loyola, Santos: Leopoldianum Editora.
- Lukas, E. (1992). *Prevenção Psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da Logoterapia*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Ed. Sinodal.
- Xausa, I. A. M. (1986). *A Psicologia do sentido da vida*. Vozes.

Enviado em: 24/02/2016

Aceito em: 01/12/2016

SOBRE OS AUTORES

Lívia Lira Guerra. Possui bacharelado e licenciatura em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB (2011). Tem experiência na área de Psicologia Clínica, com ênfase em Psicologia Infantil. Atualmente é mestranda em Psicologia do Desenvolvimento no PPGPsi/UFSCar. Membro do grupo Relações Interpessoais e Habilidades Sociais (RIHS-UFSCar).

Lívio Oliveira Lima. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (1995) e mestrado em Administração pela Universidade Federal da Paraíba (2003). É especialista em Inovação e Difusão Tecnológica e em Gestão Pública. Atualmente é consultor de organismos internacionais como a Organização Panamericana de Saúde e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, e coordenador geral da Fundação Sistêmica. Atua principalmente nos seguintes temas: Gestão Pública, Gestão da Informação e Gestão do Terceiro Setor.